FAGULHA

Boletim do Comitê Sindicalista Revolucionário de São Paulo

COMITÊ SINDICALISTA REVOLUCIONÁRIO DE SÃO PAULO
PRÓ FOB

FOB - SP - Novembro de 2026 **Edição nº4**

Dia da Consciência Negra

No Brasil, as pessoas negras representam 82% a 86% das vítimas de mortes decorrentes de intervenção policial, segundo dados recentes do Fórum Brasileiro de Segurança Pública e de relatórios de monitoramento como a Rede de Observatórios da Segurança. Aproximadamente 69% a 70% da população carcerária no Brasil é composta por pessoas negras (pretas e pardas), segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública.

Segundo o Jornal da USP, A Lei Antidrogas (Lei nº 11.343/2006) é apontada por pesquisas acadêmicas e órgãos de direitos humanos como a **principal indutora do encarceramento em massa da população negra no Brasil.**

Jovens negros e moradores de periferias podem ser mais expostos a abordagens, revistas e operações policiais. Isso aumenta a possibilidade de serem presos por crimes relacionados às drogas, mesmo quando pessoas de outros grupos praticam condutas semelhantes. O Ministério da Justiça reconhece a existência desses mecanismos de seletividade racial.

A ligação entre o racismo estrutural e a proposta de redução da maioridade penal no Brasil (que foi defendida abertamente pelo presidente Lula durante sua campanha eleitoral) pode ser compreendida a partir de uma pergunta central: quem será mais atingido pelo endurecimento das punições e por que determinados jovens são mais associados à criminalidade do que outros?

Em muitos casos, no cotidiano das comunidades periféricas, a perseguição à população negra é evidente. O debate sobre a segurança pública no Brasil e a realidade dessas comunidades envolve um amplo contexto de violência, no qual as abordagens policiais refletem manifestações do racismo estrutural quemarca o Brasil. Nesse marco, as leis e as punições recaem com maior rigor sobre os mais vulneráveis, enquanto setores da burguesia, quase sempre, passam ilesos e sem a devida responsabilização.

Mas é quando cruzamos os dados do encarceiramento e violência estatal contra a população negra com os dados do desemprego e média salarial que se torna evidente o racismo enquanto um aspecto intrínseco ao estado. Segundo o IBGE, a taxa nacional média de desemprego no Brasil durante o primeiro trimestre de 2026 foi de 6,1%, sendo contudo 7,6% para as pessoas negras e 5% para as pessoas brancas. No âmbito da informalidade essa tendência se mantém: enquanto a média nacional é de 37,3%, para pessoas pardas e pretas a taxa fica em 41,6% e 40,8%, respectivamente, contra 32,2% no caso de pessoas brancas. Já a discrepância salarial segue a mesma tendência, Quando analisamos a média salarial, a desigualdade torna-se ainda mais evidente, sendo que, em 2024, pessoas brancas ganharam em média 67,7% a mais do que pessoas negras por hora trabalhada.

Se já não bastasse o cenário generalizado de desigualdade e repressão que se projeta sobre a população negra como um todo, os recortes por gênero se aprofundam ainda mais. Ainda segundo o IBJE, a taxa de desocupação entre mulheres negras em 2024 foi de 10,1%, mais que o dobro da taxa entre homens brancos (4,1%), Adicionalmente, mesmo dentre as mulheres negras empregadas, dados do Ministério do Trabalho e Emprego apontam que a média salarial destas é 53% menor (menos que metade!) da média salarial de homens brancos, sem contar aquelas em condição de informalidade.

Já quando avaliamos o pertencimento racial da população de travestis transexuais e transgêneros, a expectativa de vida média é cerca de 28 anos. Isso evidencia uma realidade alarmante, na qual o racismo e a transfobia se cruzam, dados frequentemente citados apontam que cerca de 80% das vítimas de transfeminicídio no Brasil são pessoas negras. Esse cenário revela uma triste realidade de violência e extermínio que atinge, principalmente, a juventude negra e trans no Brasil.

Em 2025, os dados apresentados sobre a violência contra essa população também evidenciaram a vulnerabilidade de travestis e pessoas trans negras, especialmente das mais jovens, entre 18 e 29 anos. A combinação entre racismo, transfobia, desigualda-

de social e exclusão do mercado de trabalho coloca trabalhadoras mulheres trans e travestis negras, sobretudo as trabalhadoras sexuais, em situações de maior exposição à violência e à negação de direitos.

Por trás de cada dado, existe uma pessoa que tinha o direito de envelhecer, estudar, trabalhar, amar e viver com segurança. A exclusão familiar, a dificuldade de acesso à educação, a discriminação no mercado de trabalho e a falta de políticas públicas efetivas contribuem para a perpetuação desse ciclo de vulnerabilidade.

Por isso, falar da Luta do povo preto também é falar das mulheres e da população negra LGBT+. Não podemos discutir igualdade racial sem reconhecer as experiências de mulheres negras e pessoas negras lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e outras identidades dissidentes. A luta antirracista precisa reconhecer a diversidade da população negra, assim como a luta contra a LGBTfobia e a misoginia precisa enfrentar o racismo presente dentro e fora da comunidade LGBT+.

É preciso denunciar também, o PT e seus governos que criaram e fomentaram os instrumentos burgueses de encarceramento e genocídio do povo preto, a exemplo da criação da lei de drogas, da criação da Força de Segurança Nacional e, também da lei anti-terrorismo. Agora o Governo Lula tenta implementar covardemente a redução da maioridade penal, vendendo a juventude negra e periférica por apoio eleitoral e institucional dentro do Estado Supremacista Brasileiro.

Além disso, o Estado capitalista supremacista brasileiro é fundado sobre sangue, suor e trabalho do povo preto, sendo o racismo elemento estrutural do capitalismo brasileiro, conforme os dados aqui apresentados evidencial. Todas as fontes levam à conclusão de que não é possível pôr fim à opressão do povo negro sem mudar radicamentente às relações de trabalho e propriedade desiguais que são mantidas pelo estado. Dessa forma, a luta do povo negro e LGBT+ é indissociável da luta contra o capitalismo e a propriedade privada, bem como, toda forma de exploração e opressão.

Por tudo apresentado, chamamos o povo preto, as mulheres e a população LGBT+ a organizar a massa do proletariado precarizado e superexplorado, a construir a Federação das Organizações de Base e o Sindicalismo Revolucionário, únicas ferramentas organizativas capazes de construir um movimento que lute e transforme efetivamente as condições econômicas, de trabalho, terra e moradia que assolam essas populações.

Chamamos a construção de uma Greve Geral contra encarceramento e o genocídio do povo negro!

"O tipo de organização necessária deve ser uma organização de "massa", esforçando-se para unir os trabalhadores em uma luta de classes comum, mas deve ser capaz de reconhecer o dever de apoiar e adotar as exigências especiais dos Negros e outros povos não brancos como sendo de toda a classe trabalhadora. Deve desafiar a supremacia branca diariamente, deve refutar a propaganda e a filosofia racista, e deve conter a mobilização e os ataques racistas, com autodefesa armada e luta de rua, quando necessário. O objetivo de tal movimento de massa é ganhar a classe trabalhadora branca para uma posição de antissupremacia branca e de consciência de classe; para unir toda a classe trabalhadora; e confrontar diretamente e derrubar o Estado Capitalista e seus governantes. A cooperação e a solidariedade de todos os trabalhadores são essenciais para uma revolução Social plena, e não apenas a de seu privilegiado setor branco."

(LORENZO KOM'BOA ERVIN, Anarquismo e Revolução Negra, 2015, p. 21)

O dia da Consciência Negra deve ser um momento de memória, denúncia e resistência, mas também de compromisso com a transformação dessa realidade. Defender a vida da população negra LGBT+ é defender o direito à existência, à liberdade, à dignidade e ao futuro. Afinal, nenhuma pessoa deveria ter sua expectativa de vida reduzida pelo racismo, pela transfobia ou por sua identidade.

Organize-se na FOB e no CSR-SP!
Construa o Sindicalismo Revolucionário!

Construa a auto-defesa do povo preto e LGBT+!

Construir a emancipação dos trabalhadores e o Socialismo!

COMITÊ SINDICALISTA REVOLUCIONÁRIO DE SÃO PAULO
PRÓ FOB

CONTATO:
@lutafobsp
FOB - SP
fobsp@riseup.net